
ENUNCIÇÃO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRRJ

Teofrasto, seu opúsculo e o livro Lambda: a questão da conexão*

Edson P. de Resende**

Resumo: Nas exegeses da *Metafísica* de Aristóteles, notadamente aquelas sobre o livro *Lambda*, raramente mencionam a *Metafísica* de Teofrasto. Ou seja, os comentários do livro XII, em sua maioria, deixaram de fora na economia de suas interpretações o opúsculo do discípulo dileto de Aristóteles. As razões desta ausência são de várias ordens que nossa exposição não se empenhará em analisar. Entretanto, se as diferenças entre estes dois textos devem ser sublinhadas, a leitura comparada do início da *Metafísica* de Teofrasto (4 a 10-18) e o início do livro *Lambda* (1069 b 1-2), sobre a qual se apoia nossa proposta, manifesta uma convergência de problemática entre os dois autores. Nosso texto pretende mostrar, a partir das novas traduções e interpretações recentes da *Metafísica* de Teofrasto, que, apesar de certas divergências, a aproximação entre estes dois textos permite uma compreensão esclarecedora das questões que neles estão sendo debatidas.

Palavras-chave: Metafísica, conexão, Teofrasto, Aristóteles.

Resumé : Les exégèses de la *Métaphysique* d'Aristote, notamment celles qui portent sur le livre Lambda, ne renvoient que rarement à la *Métaphysique* de Théophraste. Autrement dit les commentaires du livre Lambda de la *Métaphysique* d'Aristote, omettent, pour la plupart, dans l'économie de leurs interprétations, l'opuscule du disciple préféré d'Aristote. Les raisons de cette omission sont de plusieurs ordres que notre exposé ne s'emploiera pas à analyser. Si des différences entre les deux textes peuvent et doivent être relevées, la lecture comparée du début de la *Métaphysique* de Théophraste (4 a 10-18) et du début du livre lambda de la *Métaphysique* d'Aristote (1069 b 1-2), sur laquelle s'appuiera notre exposé, manifeste une convergence des problématiques des deux auteurs. Notre texte se propose de montrer, à la lumière des nouvelles traductions et des interprétations récentes de la *Métaphysique* de Théophraste, que, malgré un certain nombre de

* Este texto é uma versão ligeiramente modificada de minha conferência realizada na Aix-Marseille Université - Département de Philosophie - Institut d'Histoire de la Philosophie, em 9 de maio de 2017, como parte das atividades do meu pós-doutorado sob a orientação do professor Dr. Alonso Tordesillas. Agradeço à FAPERJ por ter financiado este projeto em seu início.

** Professor do Departamento de Filosofia da UFRRJ.

divergences, le rapprochement des deux textes permet une approche très éclairante des questions qui y sont débattues.

Mots-clés : *Métaphysique* ; connexion ; Théophraste ; Aristote

§1. O problema

Farei uma aposta, uma provocação, que penso ser promissora, ainda que estes textos sejam deveras complexos e já muito investigados. Sugiro que podemos estabelecer uma comparação entre os dois começos, de um lado, o começo do livro Lambda da *Metafísica* mais particularmente a última frase de Lambda 1, 1069 b 1-2, onde Aristóteles diz “*se não houver princípio comum a estes domínios*” e do outro, o início do segundo parágrafo da *Metafísica* 4 a 10-18 de Teofrasto, onde podemos ler “o ponto de partida é [a questão de saber] se existe uma certa conexão, e deste modo, uma **comunidade mútua**, entre os inteligíveis e os [seres] da natureza...”.

Penso que é possível mostrar que há mais do que uma semelhança entre estas duas passagens, talvez um “mesmo ambiente conceitual” (Zingano, 2013: 243), entretanto, vou argumentar aqui, seguindo a sugestão do próprio Marco Zingano no seu artigo que acabamos de citar, apenas por uma convergência de problemáticas. Qual seja: a tentativa de estabelecer uma conexão entre o reino do sensível e do inteligível, ou dito de modo ligeiramente diferente, mais aristotélico, entre a substância sensível e a substância não sensível.

Na verdade, quero investigar até que ponto o que está em questão nas duas passagens selecionadas pode ser pensado como uma e mesma problemática, ainda que elas sejam formuladas com variações de vocabulário, o que sem dúvida poderia ser decisivo para colocá-las em contextos de problemas diferentes, mas penso que aqui não é o caso, como irei argumentar, e uma aproximação entre elas é enriquecedora para a compreensão de ambas.

Trata-se então, de investigarmos qual conexão é referida em ambas as passagens, de que tipo e contra o quê e quem estas doutrinas da conexão se opõem? Assim, após respondidas estas questões, poderemos saber melhor em que medida elas de alguma forma convergem, ou se elas de fato, podem estar no mesmo horizonte de questionamentos e de problemas.

Vou proceder primeiro fazendo uma breve e resumida exposição da questão no livro Lambda de Aristóteles, e em seguida, do segundo parágrafo do primeiro capítulo

da *Metafísica* de Teofrasto. Para finalmente concluir com os pontos que penso mais relevantes para uma provável identificação da convergência da questão da conexão presente nestes textos.

§2. Lambda 1 (1069 b 1-2).

Faremos agora uma apresentação geral sobre Lambda, para em seguida nos concentramos na passagem que encerra Lambda 1.

O livro Lambda da *Metafísica* de Aristóteles sempre esteve no centro de polêmicas desde os seus comentários na antiguidade, passando pela síntese dos comentadores medievais e modernos. Atualmente, a partir do livro editado em 2000, por Michael Frede e David Charles “Aristotle’s *Metaphysics* Lambda” resultado do Xº *Symposium aristotelicum*, ocorrido em 1996, em Oxford, um novo ciclo de intensos estudos se abriu e vem produzindo resultados impressionantes. Este livro está composto de onze ensaios cada um se debruçando sobre um capítulo de Lambda, com exceção do capítulo nove, o qual são dedicados dois ensaios. Importante mencionarmos aqui que, ainda que cada autor apresente sua interpretação a partir de pressupostos que lhes são próprios de sua visão do aristotelismo, como é dito por M. Frede na “Introdução”, eles de certa forma compartilham a posição de que Lambda contrariamente à posição tradicional, que pensa Lambda como o fecho do sistema aristototélico e assim de elaboração recente, foi, em função de seu conteúdo e estilo, provavelmente elaborado como um projeto ou melhor um “esboço” de um projeto de filosofia primeira. Retomaremos mais adiante algumas das conclusões de M. Frede em seu artigo “*Metaphysics* Λ 1”, in M. Frede e D. Charles (eds.), *Aristotle’s Metaphysics Lambda*, Oxford 2000, pp. 53-80.

O todo do livro Lambda pode ser apresentado como contendo três partes. Primeiro uma breve introdução (1 1069a18-b2), onde Aristóteles apresenta os dois tipos de substância, a sensível e a não sensível, a primeira sendo subdividida em eterna e corruptível e liga a cada uma à respectiva ciência, condicionando a independência entre estas ciências à eventualidade de não haver um princípio comum aos dois tipos de substância. Na segunda parte (1 1069b3 – 5 1071b2), é feito o exame da substância sensível; e na última e terceira parte, Aristóteles expõe a sua teologia, na qual a natureza da substância não sensível é examinada a título de primeiro motor, pura atividade sem nenhum elemento material ou potencial (6 1071b3 – 10 1075a11).

Mas agora, vamos nos deter em duas interpretações que de certa forma marcaram os debates no século passado, a de W. Jaeger e a de G. Reale sobre Lambda. Escolhi estas interpretações porque elas representam duas maneiras extremas e opostas de compreensão de Lambda e nos fornecerão um quadro de questões e posicionamentos paradigmáticos de modo a nos permitir melhor apresentar nossa hipótese de investigação e, como veremos, continuam de alguma forma influenciar em alguns aspectos as leituras: sejam sobre Lambda, sejam as leituras sobre a *Metafísica* de Teofrasto, e isto tanto em relação à questão da datação destes textos, bem como em relação ao conteúdo destas obras (Devereux, 1988:167-188).

Resumidamente a interpretação do livro Lambda feita por Jaeger, através de sua proposta do método genético, o enquadra como a expressão de um primeiro momento da filosofia de Aristóteles. Jaeger argumenta que neste livro Aristóteles está “seguindo os passos de seu mestre, do qual, conservou o mundo suprassensível como objeto da filosofia primeira, limitando-se a substituir as Ideias transcendentais pelo primeiro motor, que é imóvel, eterno, e transcendente, possuindo as propriedades que o ser deveria ter segundo Platão” (Jaeger, 1999:222). Esta primeira metafísica, conforme podemos constatar também no seu *Da Filosofia* era exclusivamente uma ciência do ser imóvel, isto é, teologia, não era a ciência do ser enquanto ser. Assim, Jaeger conclui que Lambda é uma confirmação deste período, mas que vai além, pois “nos oferece *in nuce* um sistema completo de metafísica” (Jaeger, 1999:223); no qual Aristóteles começa pela doutrina da substância e termina com sua doutrina sobre Deus. Para Jaeger, Lambda tem um valor inestimável para compreendermos seu desenvolvimento intelectual, pois nos mostra as formas imanentes juntamente com o motor transcendental, antes que a primeira, as formas imanentes, se tornassem uma parte da própria metafísica. Como é o caso, nos livros centrais da *Metafísica* ΖΗΘ.

Jaeger divide Lambda em duas partes, a primeira (caps.1-5) onde discute a doutrina da realidade sensível cujos resultados são os conceitos de forma, matéria, potência e ato. A segunda parte (caps. 6-10) de acordo com Jaeger “começa abruptamente com a afirmação do motor imóvel” (Jaeger, 1999:223-224). E aqui está o ponto que nos interessa, para Jaeger, a primeira parte não tem o seu fim em si mesma, está ali somente em razão da segunda, a qual serve de base. Para Jaeger uma leitura apressada poderia induzir-nos a pensar na construção mesma da metafísica presente nos livros centrais ΖΗΘ, pois em ambos os lugares procede da teoria da substância e do ato

à teologia, mas o decisivo para Jaeger é que em Lambda “a ideia de metafísica se limita à última parte, a anterior não se conta como pertencente a ela” (Jaeger, 1999:224). Na sua conclusão, Jaeger nos diz que Lambda representa um “estágio que precedeu a metafísica tradicional, é puramente platônico, e que a doutrina da substância sensível não era reconhecida como uma parte da filosofia primeira” (Jaeger, 1999:225). Lambda então é um tratado teológico independente. O estilo e a seleção das ideias mostram que é uma lição isolada, composta para uma ocasião especial. E que nos dá algo mais amplo do que apenas a parte da metafísica denominada teologia, um esboço de toda a sua filosofia teórica, com a ressalva de que neste esboço a parte da substância sensível não conta como metafísica. Em conclusão Jaeger nos diz que Lambda é um pequeno curso isolado que dá uma visão geral do sistema inteiro metafísico, totalmente completa por si só, ou seja, não é uma parte de uma obra mais extensa, e que não apresenta vestígio algum de relação com os outros livros da *Metafísica*, seus laços podem ser estabelecidos com as versões mais antigas da *Metafísica* e a forma teológica dada por Aristóteles à sua doutrina.

Jaeger abre uma exceção para o capítulo 8. De fato, em Lambda 8, Aristóteles usa teorias astronômicas para determinar o número de motores imóveis necessários para explicar os movimentos de estrelas e planetas. De acordo com Jaeger, essas teorias astronômicas foram desenvolvidos por Calipo, por isso é impossível sustentar para o capítulo 8 uma data que remonta ao jovem Aristóteles, o capítulo deve ter sido escrito no final da vida de Aristóteles. Essa é a conclusão de Jaeger quando se refere à crítica feita por Teofrasto em sua *Metafísica* ao primeiro motor que estaria relacionada ao capítulo 8 de Lambda:

O livro de Teofrasto é um eco da nova doutrina, que foi considerado no momento da velhice de Aristóteles. Concorda com Lambda 8 em que ele considera a teoria do primeiro motor como um ensinamento principalmente físico, mas ainda reflete mais claramente a dificuldade na qual a multiplicação do primeiro princípio derrubou a metafísica aristotélica (Jaeger, 1999:360).

De acordo com Jaeger, este capítulo poderia ter sido adicionado posteriormente ao livro Lambda. Podemos concluir então que para Jaeger a *Metafísica* de Teofrasto deveria ser datada após a morte de Aristóteles, ou pelo menos, no final de sua vida.

A interpretação de Reale do livro Lambda vai quase que ponto a ponto se contrapor àquela feita por Jaeger. E o mais importante para nós, diferentemente de Jaeger que faz uma conexão apenas de Lambda 8 com a *Metafísica* de Teofrasto, e não atribui importância metafísica à sua primeira parte, Reale ao contrário encontra nesta primeira parte uma suma das teses metafísicas já expostas nos livros centrais ΖΗΘ e, mais importante para nós, irá fazer um paralelo estrutural entre Lambda e a *Metafísica* de Teofrasto, e em particular das passagens que escolhemos. No seu *Ensaio Introdutório*, primeiro volume da sua trilogia sobre a *Metafísica* de Aristóteles, Reale resumidamente nos apresenta sua interpretação de Lambda. Em primeiro lugar ele destaca quatro pontos que lhe parecem os mais importantes, mas antes ele inicia a sua exposição de Lambda com uma frase emblemática de sua posição; “Chegamos assim ao livro que resolve o problema dos problemas da metafísica aristotélica” (Reale, 2005a:147). Em seguida, nos dá os quatro pontos que comentará:

- a) tradicionalmente Lambda era considerado como o livro que continha a cúpula e coroamento do sistema metafísico.
- b) Bonitz começou a considerá-lo como um tratado independente dos outros livros
- c) Jaeger considerou uma conferência, contendo o primeiro pensamento metafísico aristotélico, portanto, muito antigo, com exceção do cap. 8, que seria uma inserção (fora de lugar) contendo as reflexões do último Aristóteles.
- d) Alguns estudiosos do método genético sustentaram, enfim, que Lambda é um dos últimos livros compostos da *Metafísica*.

Para efeito do que nos interessa aqui, vamos somente descrever a sua explanação deste último ponto, que diz respeito à datação de Lambda. Mas antes citemos as primeiras frases de seu comentário do primeiro ponto, ele diz:

Qualquer que tenha sido a gênese do livro Lambda, é claro que, na coletânea em que foi inserido desempenha o papel de cúpula do sistema e de coroamento das doutrinas expostas nos outros livros. Todos os livros, implícita ou explicitamente, preparam e supõe Lambda (Reale, 2005a:148).

Ou seja, para cada livro de Alfa à Kappa Reale encontra um elo que os liga a Lambda, ou melhor, que prepara o que Lambda irá dar prosseguimento, ou fazer a demonstração.

Reale abre o seu comentário do quarto ponto fazendo uma declaração: “pessoalmente consideramos ser mais provavelmente que Lambda esteja entre os escritos mais recentes” (Reale, 2005a:150). Em seguida, Reale considera que o estilo de Aristóteles em Lambda, ou seja, sua “segurança ao traçar a síntese de todos os problemas ontológicos e a precisão das soluções”, contrariamente ao que pensava Jaeger e ao que muitos comentadores hoje pensam de Lambda, é um forte indício de sua data tardia. Um outro argumento de Reale, diz respeito à polêmica com Jaeger sobre o Lambda 8, onde se faz referências às teses de Calipos sobre os motores imóveis, Reale argumenta que, se Lambda 8 é tardio, devido à menção à Calipos, e conforme sustenta o próprio Jaeger, e não pode ser separado do restante de Lambda, então isto seria mais um indício a favor de sua tese da data tardia de Lambda.

Agora temos o último argumento de Reale sobre este ponto, que para nós é particularmente importante, pois Reale vai relacionar sua tese da datação tardia de Lambda com a *Metafísica* de Teofrasto. Vejamos o que ele diz na sequência:

E por outro lado Teofrasto em sua *Metafísica*, funda-se principalmente sobre Lambda. Na primeira parte do primeiro capítulo, Teofrasto depende de lambda 1, na segunda metade depende de lambda 6-7 e no segundo capítulo de lambda 8: o que mostra que não só lambda 8, mas todo o livro estava no centro das discussões nos últimos anos do ensinamento de Aristóteles (Reale, 2005a:150).

Na conclusão deste último ponto, dos quatro listados anteriormente, Reale nos diz que “a questão da cronologia de Lambda merece um peso apenas relativo”, esta afirmação parece se ligar com a declaração do início em que dizia que “provavelmente Lambda esteja entre os escritos mais recentes”. Mas não nos enganemos com esta pseudo modéstia de Reale, pois ela não significa nenhum recuo, pelo contrário, ele volta no final deste ponto a defender sua tese ao descrever o esquema de Lambda; procurando mostrar que nos capítulos deste livro, Aristóteles põe e resolve os problemas últimos da sua metafísica.

Para Reale então, Lambda não é tão somente um tratado sobre deus, ou seja, a teologia aristotélica, mas Aristóteles realizaria o fechamento do seu sistema. Assim sendo, para o intérprete, devemos lê-lo não só como um tratado teológico, mas como um tratado metafísico, pois o que está em questão é sim uma teoria geral da substância. Deste modo, Reale se compromete com a tese de que Lambda é de elaboração tardia,

posterior aos livros centrais e que seu conteúdo também pressupõe o conteúdo presente nos livros anteriores da *Metafísica*. E ao afirmar que a *Metafísica* de Teofrasto se baseia completamente em Lambda, Reale está se comprometendo com a tese da datação recente do opúsculo de Teofrasto. Em relação ao conteúdo, voltaremos à sua posição mais adiante quando abordarmos a *Metafísica* de Teofrasto.

O livro Lambda continua sendo objeto de acirradas disputas de interpretações, e como dissemos, a partir das atas do Xº simposium aristotelicum, várias frentes de investigação se abriram e novas possibilidades de leitura continuam sendo propostas. No que diz respeito à Lambda 1 não é diferente, o capítulo tornou-se problemático deste o seu *incipit* até a sua última frase. Justamente a que nos interessa aqui.

No começo do livro Lambda, mais precisamente em sua primeira parte, 1 1069a18-b2, após expor uma classificação dos tipos de substâncias e atribuir a cada um dos domínios uma determinada ciência - as duas formas da substância sensível são objeto da física e a substância não sensível, Aristóteles atribui a uma “outra ciência” (αὕτη δὲ ἑτέρα, 1069b1) -, conclui então com uma frase na condicional (1 1069b1-2): εἰ μηδεμία αὐτοῖς ἀρχὴ κοινή, “se não houver princípio comum a estes <domínios>”.

Berti faz o repertório das traduções desta partícula εἰ que inicia a última frase:

Os comentadores modernos são unânimes em interpretar o *ei* da sentença condicional como um *epei*. Bonitz o traduz por “da”; Ross afirma que a ciência que difere da física é a metafísica e que está exposta nos capítulos 6-10 de Lambda; Tricot traduz “puisque’elle n’a aucun principe commun” e declara que esta ciência é a metafísica e cita Pseudo-Alexander como confirmação; Reale traduz o *ei* como “dal momento che”, mas identifica a ciência diferente com a indicada por Aristóteles em E 1 e K 7, seguindo Tomás Aquino nesta interpretação. Elders escreve: “Porque ambas *ousiai* não têm princípios em comum, elas são objetos de diferentes ciências”. Somente um tradutor italiano, Carlo Viano, traduz “se non c’è nessun principio che sia comune a tutte queste sostanze” (Berti, 2016:79-80).

Mas toda esta passagem merece cuidadosa atenção, pois sugere que, de fato, talvez ela possa servir como suporte principal para uma interpretação de acordo com a qual Lambda não pretende apresentar uma teoria unificada da substância, mas em sua primeira parte apenas nos oferece uma recapitulação de uma doutrina física das substâncias sensíveis como preliminar de uma teologia que obtemos em Lambda 6-10. Pois a primeira parte da frase diz que os dois primeiros tipos de substância são o assunto

da física, enquanto a substância imutável é o assunto de outra disciplina. Existem então, parece, duas disciplinas diferentes que lidam com substâncias, física e teologia, ao invés de uma única disciplina que lida com qualquer tipo de substância.

Entretanto a questão é mais complicada, pois como assinalou M. Frede “a sentença não termina em αὐτῆ δὲ ἐτέρας, mas acrescenta ‘se elas não têm nenhum princípio em comum’. Este acréscimo sugere que a substância imutável será apenas objeto de uma disciplina diferente, se for o caso de substâncias imutáveis e substâncias sensíveis não terem nenhum princípio em comum”. Assim, admitida a hipótese, como veremos consensual, de que não é o caso, ou seja, há um princípio comum, o motor imóvel, a “conclusão indesejável” de que a física seria a ciência de todas as substâncias parece se impor.

A apresentação deste ponto, ou seja, de que há um princípio comum, pode ser feita admitindo-se que Aristóteles está argumentando nos capítulos 6-10 de Lambda que o primeiro motor imóvel é, em certo sentido, um princípio comum às substâncias móveis e à imóvel. É evidente, de fato, que o primeiro motor imóvel é o princípio do movimento do primeiro céu e, por meio deste último, do movimento do Sol (substância móvel incorruptível), que é o princípio de todas as mudanças das substâncias corruptíveis na Terra. Mas o primeiro motor imóvel parece ser o princípio também dos outros motores imóveis, por exemplo, sendo deles o objeto do pensamento e, assim, a causa final. Desta forma, a condição colocada pela sentença condicional não é satisfeita, pois existe sim um princípio comum entre as substâncias sensível e não sensível.

Talvez seja por isso que os tradutores de Lambda preferiram a leitura do εἰ por εἴπει, ou seja, evitar esta “conclusão indesejável”. Pois ao admitirem implicitamente que a condicional não é satisfeita, uma vez que há um princípio comum, então eles a suprimiram, transformando-a em uma sentença assertiva, justamente para evitar que Aristóteles estaria afirmando aqui que a física é a ciência de todas as substâncias. Nos parece um preço muito alto a ser pago, a modificação do próprio texto, ainda que a conclusão, ou o resultado, possa ser interessante para a compreensão de Lambda.

Vou deixar de lado as questões aqui relativas ao estabelecimento do texto, pois estas parecem ter alcançado um consenso entre os intérpretes, sobretudo no que diz respeito à partícula εἰ. Entretanto, do ponto de vista da interpretação, a questão relativa à expressão (αὐτῆ δὲ ἐτέρας, 1069b1), tem uma longa história e ainda continua a ser objeto de intensa discussão. Não posso analisá-la aqui em todo o seu pormenor, mas

gostaria apenas de mencionar, para concluir esta apresentação de Lambda 1, que o ponto em discussão diz respeito ao que propriamente devemos entender por “outra ciência”: seria a metafísica (Reale, Tomás de Aquino), a teologia (Jaeger), um tipo de investigação semelhante à dos livros ZH (M. Frede); uma “Prinzipienlehre” propriamente aristotélica (E. Berti) ou uma concepção de física acadêmica (Donini).

Podemos resumir este ponto do seguinte modo: ao admitirmos a condicional, conforme a letra mesma do texto, e constatarmos que ela não é satisfeita, então pelo menos duas possibilidades se apresentam. Ou bem devemos reinterpretar a expressão $\alpha\upsilon\tau\eta\ \delta\grave{\epsilon}\ \acute{\epsilon}\tau\acute{\epsilon}\rho\alpha\varsigma$, que, por exemplo, na leitura de M. Frede passa a significar, a partir de uma dupla apódose (hipótese de M. Crubellier citado por Frede), que se não houver um princípio comum, a física lida com as substâncias sensíveis e outra ciência, que é a teologia, lida com substâncias imóveis; mas se existe um princípio comum, nem a física aborda as substâncias sensíveis, nem a teologia lida com substâncias imutáveis, e há outra ciência, que não é a física, nem a teologia, que trata de todos os tipos de substâncias. Esta ciência é - conclui Frede - “a teoria global do que é”. Ou bem admitimos que se trata da física, pois a hipótese da dupla apódose é descartada, ainda que se trate de uma física em um sentido que permita um estudo geral da substância: 1- aqui temos a posição de Berti que argumenta que seria uma investigação fundada não em um método lógico, como o “Prinzipienlehre” de Platão, mas em um método físico uma “Prinzipienlehre”, ou seja, causal, 2 - uma concepção acadêmica da física como ciência teórica única, distintada lógica e da ética (Donini), as duas posições sendo bem próximas. O ponto comum é que seja uma coisa ou outra, o modelo acadêmico da conexão está sendo criticado.

Não iremos tomar partido sobre isto, assumimos apenas que está descartada a hipótese de que Lambda 1, com base apenas nesta expressão $\alpha\upsilon\tau\eta\ \delta\grave{\epsilon}\ \acute{\epsilon}\tau\acute{\epsilon}\rho\alpha\varsigma$, 1069b1, seja um tratado sobre um assunto especial, substância imutável, prefaciada por observações preliminares sobre substâncias sensíveis que pertencem a uma disciplina diferente. Para o que queremos mostrar - a convergência de uma problemática da conexão -, nos é suficiente admitir que Lambda 1 apresenta um programa para um estudo da substância em geral e que nos capítulos seguintes podemos constatar que a condicional não é satisfeita, ou seja, há um princípio comum entre os dois domínios, e que então o problema da conexão estava sim no centro das preocupações centrais de Lambda.

§3. *Metafísica* de Teofrasto

Iremos proceder agora a um exame da *Metafísica* de Teofrasto, sobretudo, do segundo parágrafo (4a9-17), onde podemos encontrar a questão da conexão (συναφή τις 4a9-10 e τινὰ συναφή (4a13-14), ou da comunidade (οἶον κοινωνία 4a10), entre os dois reinos, do sensível e do inteligível. Em seguida, para concluir, faremos as aproximações com Lambda 1 conforme nos propusemos.

No contexto das obras de Teofrasto que nos foram legadas, o seu ensaio *Metafísica* ocupa um lugar singular, pois está destacado do resto das outras obras, seus tratados sobre botânica e outros pequenos ensaios de temas físicos, é uma peça única em seu gênero, assim, os outros em nada nos ajudam na sua compreensão. O texto é curto, aproximadamente o equivalente a umas vinte páginas das obras de Aristóteles na edição de E. Bekker (1831-1870), onde seu autor nos apresenta uma série de aporias e alguns desenvolvimentos, mas que pela sua própria natureza “aporética” torna difícil para seu intérprete a determinação precisa das teses defendidas pelo seu autor. Disto resulta uma diversidade de posições interpretativas, que vão desde considerá-la como uma crítica radical a Aristóteles e que de alguma maneira é precursora de algum movimento da filosofia posterior, até as que o pensam como um tratado acadêmico que defende teses platônicas. Dada a diversidade deste leque de posições interpretativas sobre o ensaio, iremos aqui assumir neste cenário múltiplo e divergente o que é menos problemático entre os intérpretes atuais.

Mas antes, para efeito de ilustração do que dissemos a respeito desta diversidade de interpretações, vejamos um quadro provisório de algumas das principais posições assumidas pelos intérpretes sobre a *Metafísica* de Teofrasto. Muitos fizeram tentativas de compreensão do valor da filosofia de Teofrasto como precursora de algum movimento filosófico posterior importante. Assim, temos um Teofrasto que defende uma transcendência do princípio, podendo ser pensado como “uma fonte direta do neoplatonismo” (Aubenque, 1962:373 n.9) ou inversamente um filósofo imanentista em que a filosofia se reduz à cosmologia, pois o movimento está fixado na alma e na vida mesma do universo e neste sentido Teofrasto seria proto estoico. Marlein van Raalte argumentou que o opúsculo atesta a visão de Teofrasto do “cosmos como um todo orgânico” (van Raalte, 1988:189); e a meio caminho entre estas duas posições, teríamos um Teofrasto proto cristão que descobre os delineamentos da teologia cristã, pois o seu

ser dotado de razão seria um intermediário entre o mundo e Deus (Festugière, 1971:365-366). E para finalizar estas visões do opúsculo como proto filosofias helenísticas, temos Krämer (1971:12) que encontra no opúsculo elementos céuticos.

Mais recentemente estas avaliações do opúsculo foram abandonadas em detrimento de interpretações que em muito nos faz recordar as oscilações de interpretações sobre Lambda. Pois, estas interpretações partem do princípio, mais prudente, de que a melhor maneira de compreender o seu valor é através de uma comparação com a filosofia de Aristóteles e, sobretudo, com Lambda, explicitamente comentado na obra. Deste modo estas interpretações tomam como parâmetro um afastamento ou uma aproximação das teses defendidas por Aristóteles e sua relação com as teses defendidas na Academia. Para Reale, o opúsculo representa o último canto do cisne da escola peripatética em matéria de metafísica, pois expressa uma crise no Liceu que resultou no rompimento “das pontes com a metafísica de Aristóteles” (Reale, 2011b:121). Para Ross, Teofrasto é um homem de ciência, um empirista, e que teria induzido Aristóteles a se afastar de Platão (Ross, 1927:XXV). Para Laks & Mosto, o opúsculo está verdadeiramente imbuído de um espírito aristotélico, mas paradoxalmente sua resposta ao problema da conexão é uma teoria dos contrários, ou seja, acadêmica (Laks & Most, 1993: XXV). Berti ao concluir seu estudo sobre as relações entre física e metafísica em Eudemo e Teofrasto apresenta um veredito próximo ao de Laks e Most, dizendo que a posição de Teofrasto, “tal como resulta de sua *Metafísica*, parece ser menos avançada – do ponto de vista de Aristóteles – que aquela de Eudemo, e mais próxima de uma concepção do tipo platônica e acadêmica” (Berti, 2014:364). Em outro artigo, Berti reforça a sua conclusão: “a *Metafísica* de Teofrasto parece se situar em um meio platônico, ou acadêmico, ou no meio de uma discussão entre platônicos e aristotélicos” (Berti, 2015:132).

Para David Lefebvre, Teofrasto faz críticas ao Primeiro motor de Aristóteles, mas são parciais e dizem respeito apenas a certos aspectos do livro Lambda da *Metafísica*. “Suas críticas, assim como os elementos da caracterização as quais ele alcança, correspondem a uma concepção principalmente física e, em menor medida, metafísica do primeiro motor. Teofrasto se concentra sobre o que interessa a questão da comunidade entre os princípios e o sensível, notadamente sobre a utilidade física do Primeiro motor” (Lefebvre, 2015:49).

Para Gutas, o ensaio é essencialmente aporético, logo doutrinariamente inconclusivo, disto resulta a diversidade de avaliações dando origem a interpretações variadas, que segundo ele “lembram a história indiana dos cegos e do elefante, cada um dos quais descreveu o animal de acordo com a parte do corpo que ele sentiu” (Gutas, 2010:37).

Não quero me comprometer com as *vexatae quaestiones* do opúsculo, sua data, seu verdadeiro título ou o grau de sua originalidade em relação às posições teóricas de Aristóteles. Parto do princípio, aceito por muitos, de que Teofrasto leu e está “comentando” algumas teses de Lambda, e que então, de um modo original ou não, apresenta a questão da conexão e a existência de um princípio comum entre os dois domínios, para mim, neste momento, o importante é a hipótese de que ambos os textos estão, em um sentido forte e que iremos precisar, sob um mesmo solo de questões ou de problemas.

O primeiro ponto a ser destacado é o fato de que o opúsculo foi pensado inicialmente como fragmentado e lacunoso, Usener (1861), e ainda em Ross (1929). Recentemente, a partir sobretudo da edição de Laks e Most (1993) que fizeram uma defesa robusta da unidade do ensaio, argumentando a favor da sua unidade e independência, mostrando que o opúsculo não é um fragmento de uma obra maior que teria sido perdida. As novas edições, bem como os intérpretes atuais, admitem a integridade da obra. Um segundo ponto acordado, é o de que o opúsculo supõe a teoria aristotélica do primeiro motor, e por isso, o livro Lambda da *Metafísica* de Aristóteles.

Vou proceder inicialmente a partir do que podemos então considerar como consensual entre os comentadores da *Metafísica* de Teofrasto, ou seja, o fato de que neste opúsculo, doravante pensado como um todo e não um fragmento, Teofrasto está dialogando como livro Lambda de Aristóteles.

Do ponto de vista de seu conteúdo, o Ensaio de Teofrasto pode ser dividido em cinco partes (Laks & Most, 1993: xxvii-xxxix). No primeiro parágrafo (4a2-8), o autor se pergunta como devemos definir o estudo dos primeiros princípios uma vez que existe um dualismo entre a natureza e os princípios ou seres inteligíveis, temos a questão a ser desenvolvida; logo em seguida, na primeira parte (4a9-6b22), visto que são diferentes, os princípios e os seres da natureza, o autor coloca a questão da existência ou não de uma conexão entre eles. Teofrasto então desenvolve a questão da conexão entre eles a partir da hipótese do primeiro motor. Na segunda parte (6b22-8a20), o autor se pergunta

qual é a natureza dos princípios. Na terceira parte (8a21-10a21), desenvolve o tema de uma epistemologia da diferença. Na quarta parte (10a22-11b26), temos a discussão dos limites da explicação teleológica. E por fim, no último parágrafo (11b27-12a2), a conclusão do opúsculo, o autor nos propõe de forma programática a questão dos limites da causalidade final como o verdadeiro ponto de partida para o estudo do todo.

No segundo parágrafo de sua *Metafísica*, Teofrasto nos apresenta o problema geral que ele irá abordar neste opúsculo, qual seja, o de sabermos se existe uma certa conexão entre o reino do sensível e do inteligível, e no caso afirmativo, que será a hipótese a ser seguida como a mais plausível, de que tipo é esta conexão. O problema da conexão ocupa um lugar central no opúsculo nas avaliações dos seus intérpretes. Para ilustrar este ponto, citaremos apenas dois exemplos: “ele atravessa todo o opúsculo como um fio vermelho” (Laks e Most, 1993: xxv), ou “como um *leitmotif*” que dá unidade às suas aporias” (Gutas, 2010:41).

Para efeito do queremos argumentar aqui, vamos utilizar o texto do segundo parágrafo da *Metafísica* de Teofrasto na tradução de Laks e Most:

Le point de départ est [la question de savoir] s’il existe une certaine connexion, et comme une communauté mutuelle, entre les intelligibles et les [êtres] de la nature, ou aucune, mais que chacune des deux [domaines] est comme séparé, tout en collaborant en quelque manière à la totalité de ce qui est. Or il est plus raisonnable qu’il existe une connexion et que le tout ne soit pas constitué d’épisodes, mais qu’il existe [quelque chose] comme des [êtres] antérieurs et d’autres qui sont postérieurs, des principes et d’autres [êtres] qui sont subordonnés à ces principes, et la même façon des [êtres] éternels, par rapport aux [êtres] corruptibles.

Seguindo uma sugestão de Marco Zingano (Zingano, 2013:244 n.28), se admitirmos que o valor de οἷον deve acompanhar o sentido restritivo de τίς em συναφή τις (4a9-10) e τινα συναφήν (4a13-14). Então, a conexão que Teofrasto está nos propondo é uma conexão que não resolve o dualismo, ela apenas acopla os dois domínios sem integrá-los em uma única teoria metafísica que subsume os dois tipos de “substância”, a sensível e a inteligível.

Algumas traduções desta passagem não parecem atentas a este valor restritivo de οἷον. E as que são, não parecem extrair daí as consequências. Vejamos então as traduções de συναφή τις (4a9-10) e τινα συναφή (4a13-14) e οἷον κοινωσία (4a10), nesta ordem respectivamente.

Laks e Most (1993:2): une certaine connexion, une connexion, comme une communauté mutuelle; van Raalte (1993:37): some connection, some connection, and (so to speak) community; Repici (2013:51): qualche connessione, qualche connessione, come una comunanza reciproca; Tricot (1948:2): contact intime, un contact, et comme une communauté réciproque; Reale (1980:392): a connection, a kind of collectivity, a like a reciprocal union; Ross (1929:3) : a connexion, a connexion, mutual partnership. Para Gutas (2010:111), mais próximo da nossa hipótese: some connection, some connection, some-thing like a mutual association.

É importante sabermos quais opções estão sendo descartadas ou fora do horizonte das possibilidades apresentadas por Teofrasto. Em um primeiro momento não fica claro qual opção Teofrasto está descartando para as relações possíveis entre os dois domínios. Uma leitura, mais comum (Laks e Most) descreve as opções apresentadas por Teofrasto neste parágrafo, sustentando que, ou bem (i) há uma colaboração forte entre os dois campos, ou bem (ii) há uma certa colaboração, ou seja, uma justaposição, e (iii) sendo excluída a desconexão total entre os dois domínios. Na leitura de Marco Zingano a qual seguimos, menos comum desta passagem, sustenta que Teofrasto estaria então no segundo parágrafo de sua *Metafísica*, nos apresentando as seguintes opções: podemos admitir que: ou bem (i) há uma total desconexão, ainda que elas colaborem justapostas para a formação do todo, o episodismo de Espeusipo, que é descartada; ou bem (ii) há uma conexão de um certo tipo, hipótese a ser seguida como a mais razoável, e (iii) sendo excluída uma fonte única dos dois domínios (Zingano, 2013:244 n.28).

Ao modo da descrição de Laks e Most, há uma gradação de opções, indo (1) de uma colaboração forte entre os dois domínios (tese de Teofrasto), passando por (2) uma justaposição que seria uma colaboração fraca (episodismo de Espeusipo, descartada por Teofrasto pois não explica o movimento), e por fim, no grau zero da escala dos tipos de conexão, uma total desconexão, (3) uma total falta de relação, tese igualmente descartada, pelas mesmas razões apresentadas para (2). Assim,

- 1- Há uma conexão (forte).
- 2- Há uma justaposição (episodismo)
- 3- Há uma desconexão total

Ao modo da descrição apresentada por nós, há uma gradação, mas indo de uma (1) desconexão principal, (parece se identificar com o episodismo de Espeusipo) tese descartada por Teofrasto pelas mesmas razões já apresentadas, ou seja, não explica o

movimento, passando por (2) há algo que faz as vezes de uma conexão forte entre os domínios (tese de Teofrasto), e por fim, sendo excluída (3) uma conexão forte, uma fonte única para os dois domínios. Logo,

- 1- Há uma desconexão (episodismo)
- 2- Há uma conexão (fraca)
- 3- Há uma conexão (forte)

Comparemos os dois esquemas:

- 1- Ambos apresentam uma gradação, mas invertida. O modelo apresentado por Laks indo de uma conexão mais forte até uma desconexão; o que estamos propondo, indo de uma desconexão até uma conexão total, forte, no sentido estrito, uma fonte única para os dois domínios.
- 2- A grande diferença entre os dois modelos está no que é descartado por Teofrasto, para Laks é uma desconexão. Para nós, é uma conexão forte, estrita.
- 3- Para nós, a desconexão se identifica com o episodismo de Espeusipo; e Laks parece identificar o episodismo como um tipo fraco de conexão, uma mera justaposição.

Como podemos perceber, a maneira de arrumarmos as opções apresentadas por Teofrasto neste parágrafo são de extrema importância para compreendermos o que está em jogo neste seu opúsculo. As diferenças das duas descrições do plano traçado por Teofrasto aqui nestes parágrafos iniciais de sua *Metafísica* são patentes.

§4 Conclusão

Uma vez admitida a hipótese, quer dizer, ou bem há um certo tipo de conexão, ou bem não há conexão (mas que ambos ainda assim, contribuem para a formação de tudo o que existe) – sendo esta opção denominada de episodismo, uma clara referência às teses atribuídas a Espeusipo – e sendo descartada a opção de uma conexão no sentido estrito, ou seja, uma fonte única para os dois domínios, o sensível e o inteligível. Parece que uma teoria unificada da substância não está no horizonte das preocupações deste opúsculo e que no máximo o que se cogita é uma certa comunidade, uma conexão de um certo tipo. Sendo assim, a questão posta pelo opúsculo se desdobra para sabermos qual é a natureza dos princípios, de modo que estes possam se conectar com a natureza sensível.

Agora, se nos reportamos para o Lambda, veremos que se trata também de estabelecer uma conexão entre os dois reinos, e que esta conexão é dita, ora ao modo platônico de uma dependência natural, ou seja, o mundo natural/sensível depende do inteligível, de modo que se este desaparecer o primeiro automaticamente desaparece também, neste sentido Aristóteles parece repetir Platão, conforme afirma no início do capítulo sete de Lambda, o mundo sensível está “suspenso” pelo mundo inteligível ou então, a segunda opção, há um princípio comum, o primeiro motor, que é causa do mundo sensível.

De qualquer modo, o que parece excluído nos dois modelos, assim como no tratado de Teofrasto, é uma fonte única para ambos os domínios, ou seja, uma teoria unificada das duas modalidades de substâncias, a sensível e a inteligível. A ausência de uma teoria da substância que valha tanto para o sensível como para o inteligível. Sabemos que a questão de um novo começo e do otimismo de uma teoria unificada é retomada no livro Z da *Metafísica* de Aristóteles. Mas em Lambda, trata-se de evitar o episódismo de Espeusipo, através de uma teoria que conecta os dois domínios ainda que de forma precária, mas os conecta.

Esta conexão é uma doutrina que podemos denominar de “conexão mitigada entre o sensível e o inteligível” (Zingano, 2013:244), uma conexão mitigada porque ela é fraca, ela é um substituto de uma verdadeira conexão. Tanto em Lambda como no opúsculo de Teofrasto então, temos o mesmo problema, a saber, qual conexão pode evitar um dualismo extremo, mas suas respostas permanecem dualistas, assim podemos inferir que ambas estão em um mesmo contexto problemático.

Referências Bibliográficas:

- AUBENQUE, Pierre (1962), *Le problème de l'être chez Aristote*, PUF, Paris.
- BERTI, Enrico (2011), “O livro Lambda da *Metafísica* de Aristóteles entre física e metafísica” in Enrico Berti, *Novos Estudos Aristotélicos II: Física, antropologia e metafísica*, tradução de Silvana Cobucci Leite et alii, Loyola, São Paulo, (do original de 2005), p. 557-577.
- BERTI, Enrico (2014), “Le rapport entre Physique et Métaphysique chez Eudème et Théophraste”, in Cristina Cerami (éditeur), *Nature et Sagesse : Les rapports entre Physique et Métaphysique dans la tradition aristotélicienne*, recueil de textes en hommage à Pierre Pellegrin, Peeters, Louvain-la-Neuve, p. 353-264.
- BERTI, Enrico (2015), “La connaissance des principes selon Théophraste, *Métaphysique* 9 A 10-B 24”, in Annick Jaulin et David Lefebvre (éditeurs), *La Métaphysique de Théophraste : Principes et Apories*, Peeters, Louvain-la-Neuve, p. 123-133.

- BERTI, Enrico (2016), “The Program of Metaphysics Lambda (chapter 1)” in Christoph Horn (ed.) *Aristotle’s Metaphysics Lambda: New Essays*. Walter de Gruyter, Boston/Berlin, pp. 67-85.
- DEVEREUX, Daniel T. (1988), “The Relationship between Theophrastus’ *Metaphysics* and Aristotle’ *Metaphysics Lambda*” in Fortenbaugh, W.W., and R.W. Sharples eds, *Theophrastean Studies. On Natural Science, Physics and Metaphysics, Ethics, Religion, and Rhetoric*, New Brunswick and London: Transaction, (RUSCH 3), pp.167-188.
- FESTUGIERE, A.J., (1971), “Le sens des apories metaphysiques de Theophraste”, *Revue Neo Scolastique de Philosophie* 33 (1931) 40–49; repr. in his *Etudes de philosophie grecque*, Paris: Vrin, pp. 357–366.
- FORTENBAUGH, W.W., and R.W. SHARPLES (1988) (editors), *Theophrastean Studies. On Natural Science, Physics and Metaphysics, Ethics, Religion, and Rhetoric*, New Brunswick and London: Transaction, (RUSCH 3).
- FREDE, Michel (2000), “Metaphysics Λ 1”, in Michel Frede and David Charles (editors), *Aristotle’s Metaphysics Lambda*, Oxford, pp. 51-80.
- GUTAS, Dimitri (2010), *Theophrastus, On First Principle (now his Metaphysics)*. Greek Text and Medieval Arabic Translation, Edited and Translated with Introduction, Commentaries and Glossaries, as Well as the Medieval Latin Translation, and with an Excursus on Graeco-Arabic Editorial Technique, Brill, Leiden-Boston.
- HORN, Christoph (2016) (ed.), *Aristotle’s Metaphysics Lambda: New Essays*. Walter de Gruyter, Boston/Berlin.
- JAEGER, W. (1957) *Aristotelis Metaphysica*, Oxford.
- JAEGER, W. (1999) *Aristote : fondements pour une histoire de son évolution*, trad. Olivier Sedey, L’Eclat, Paris.
- JAULIN, A. et LEFEBVRE, D. (2015) (éditeurs), *La Métaphysique de Théophraste: Principes et Apories*, Peeters, Leuven-Paris.
- KÄMER, H.J., (1971), *Platonismus und hellenistische Philosophie*, Berlin/New York, Walter Gruyter.
- LEFEBVRE, D. (2012), “La question de l’unité d’une science des substances : interprétations de Métaphysique, Λ , 1, 1069 a 36-b2”, in Maddalena Bonelli (éd.) *Physique et Métaphysique chez Aristote*, Paris, Vrin, pp. 133-174.
- LEFEBVRE, D. (2015), “Recherches péripatéticiennes sur le moteurs immobile : Aristote et Théophraste” in Jaulin, A. et Lefebvre, D. (éditeurs), *La Métaphysique de Théophraste: Principes et Apories*, Peeters, Leuven-Paris, pp. 37-69.
- LAKS, André e Glenn MOST (1993), *Theophraste. Métaphysique*, texte édité, traduit et annoté, Paris: Les Belles Lettres.
- REALE, Giovanni (1980), *The concept of first philosophy and the unity of Metaphysics of Aristotle*, trad. John R. Catan, University of New York. (do original 3ª ed. 1967).
Appendix B: The *Metaphysics* of Theophrastus with commentary, pp. 392-423.
- REALE, Giovanni (2005a) *Aristóteles Metafísica: Ensaio Introdutório I*, 2ª ed. trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo.
- REALE, Giovanni (2005b) *Aristóteles Metafísica: Texto grego com tradução ao lado II*, 2ª ed. trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo.
- REALE, Giovanni (2011a) *Aristóteles Metafísica: Sumário e comentários III*, 3ª ed. trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo.
- REALE, Giovanni (2011b) *Filosofias Helenísticas e Epicurismo*, nova ed. Corrigida, trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo.

- REPICI (2013), *Teofrasto, Metafisica*. Introduzione, traduzione e commento, Carocci editore, Roma.
- ROSS, W. D. ; FOBES, F. H. (1929), *Theophrastus Metaphysics*, Oxford: Oxford University Press; repr. Chicago: Ares Publishers, 1978.
- ROSS, W. D. (1927) *Aristotle's Metaphysics*, 2 vol. Oxford.
- TRICOT(1948), *Théophraste. La Métaphysique*, traduction et notes, Paris: Vrin.
- VAN RAALTE (1988), "The Idea of the Cosmos as an Organic Whole in Theophrastus' *Metaphysics*" in Fortenbaugh, W.W., and R.W. Sharples eds, *Theophrastean Studies. On Natural Science, Physics and Metaphysics, Ethics, Religion, and Rhetoric*, New Brunswick and London: Transaction, (RUSCH 3), pp.189-215.
- VAN RAALTE (1993), *Theophrastus. Metaphysics*. With an Introduction, Translation Commentary, Brill, Leiden-New York-Köln.
- ZINGANO, Marco (2013), "As *Categorias* de Aristóteles e a doutrina dos traços do ser". Dois pontos, Curitiba, São Carlos, vol. 10, n. 2, pp.225-254.
- ZINGANO, Marco (2016), "Individuals, Forms, Movement: From Lambda to Z-H" in Christoph Horn (ed.) *Aristotle's Metaphysics Lambda: New Essays*. Walter de Gruyter, Boston/Berlin, pp. 139-155.

Recebido em março 2019
Aceito em maio 2019